

A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE

THE MONOPHTHONGIZATION /EI/ IN MOZAMBIKAN PORTUGUESE

Danielle Kely Gomes | [Lattes](#) | daniellekgomes@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho descreve o processo de monotongação do ditongo /ei/ na variedade urbana do Português em Moçambique, a partir do levantamento de dados em 18 entrevistas – estratificadas de acordo com as variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade –, recolhidas em Maputo (Vieira; Pissurno, 2016). A investigação tem por hipótese que a implementação da variante [e] em posição interna ao vocábulo é incipiente na comunidade. Os resultados confirmam a hipótese: o input de aplicação da regra de monotongação é relativamente baixo, e a implementação de [e] se correlaciona aos segmentos precedente e subsequente ao ditongo, ao sexo e à faixa etária dos informantes e ao contato entre o Português e as línguas autóctones de Moçambique. Esta investigação contribui para a descrição de um processo fonético-fonológico em uma variedade do Português ainda em formação e dos efeitos do contato entre línguas no comportamento da variável em análise.

Palavras-chave: Ditongos. Variação. Português em Moçambique. Restrições. Contato entre línguas.

Abstract: This paper describes the process of monophthongization of the diphthong /ei/ in the urban variety of Mozambican Portuguese, based on a survey of data from 18 interviews - stratified according to the variables sex, age group and level of education -, collected in Maputo (Vieira; Pissurno, 2016). The research hypothesizes that the implementation of the variant [e] in the word-internal position is incipient in the community. The results confirm the hypothesis: the input for the application of the monophthongization rule is relatively low, and the implementation of [e] correlates with the segments preceding and following the diphthong, the gender and age group of the informants, and the contact between Portuguese and the indigenous languages of Mozambique. This research contributes to the description of a phonetic-phonological process in a variety of Portuguese still in formation and of the effects of language contact on the behavior of the variable under analysis.

Keywords: Diphthongs. Variation. Mozambican Portuguese. Restrictions. Contact between languages.

Introdução

A realização do ditongo /ei/ é um processo variável nas normas do Português Brasileiro (doravante PB) (Paiva, 2003, dentre tantos outros). Nas variedades do PB, a alternância entre [ey] e [e] é frequentemente associada à atuação de restrições de natureza linguística, dentre as quais se destaca a natureza do segmento subsequente ao ditongo.

Entretanto, em outras variedades do Português, o comportamento variável de /ei/ é associado também a condicionamentos extralinguísticos. Na investigação sobre o processo de monotongação de /e/ na norma urbana de São Tomé, Passos (2018) demonstra que na variedade em questão há uma correlação entre variáveis linguísticas e sociais para a implementação da variante monotongada, [e], havendo diferenças na atuação das restrições em função da posição em que o ditongo ocupa no vocábulo.

A variedade moçambicana, assim como a são-tomense, é caracterizada pela convivência entre o Português e outras línguas, principalmente línguas da família bantu¹. Desse modo, o propósito deste trabalho é observar se o fenômeno da redução de ditongos em posição interna ao vocábulo (f[e]ra, tr[e]no, resp[e]to) no Português em Moçambique é condicionado essencialmente por restrições de ordem linguística ou se, à semelhança da variedade são-tomense, haveria uma correlação estreita entre variáveis linguísticas e variáveis sociais, sobretudo restrições que controlam o efeito do contato entre línguas. Os dados descritos neste trabalho foram recolhidos em uma amostra constituída por 18 entrevistas pertencentes ao *corpus* Moçambique-PORT (Vieira; Pissurno, 2016), vinculado ao *Corporaport – Variedades do Português em análise*.

Com base no arcabouço teórico e metodológico fornecido pela Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov, Herzog, 1968), pelos modelos fonológicos Autossegmental (Clements, 1985; Matzenauer Hernandorena, 2001) e Métrico (Selkirk, 1982; Collischon, 2001; Nespov, Vogel, 2007) e por teorias que investigam questões de contato entre línguas (Weinreich, 1953; Thomason, Kaufman, 1988; Winford, 2003; Lucchesi, Baxter, 2009), esta investigação tem por objetivo (i) descrever a distribuição das expressões fonéticas que concretizam a realização de /ei/; (ii) verificar a atuação de condicionamentos de ordem linguística na implementação da variante monotongada [e]; e (iii) observar a correlação entre restrições linguísticas e sociais na implementação de [e].

Para que se cumpram os propósitos explicitados, este artigo se subdivide nas seguintes seções: na Seção 1, descrevem-se brevemente alguns estudos sobre a regra variá-

¹ Neste texto, opta-se por *bantu* para menção às línguas autóctones de Moçambique, sem a adaptação do adjetivo aos padrões morfológicos do Português (Chimbutane, 1991).

vel de monotongação em variedades do Português; na Seção 2, apresentam-se reflexões sobre a fonologia dos ditongos em Português e nas línguas autóctones de Moçambique; na Seção (3) discutem-se aspectos relativos à formação da comunidade de fala sob investigação; na Seção 4, arrolam-se os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa; na Seção 5, indicam-se os procedimentos adotados para o tratamento dos dados; na Seção (6), expõem-se os resultados da análise multivariada e, por fim, tecem-se as considerações finais.

1. A monotongação de /ei/ em Português

No Português Brasileiro (PB), o processo de monotongação de /ei/ (f[ey]ra~f[e]ra, q[ey]jo~q[e]jo, p[ey]xe~p[e]xe, tr[ey]no~tr[e]no) é um fenômeno variável, fortemente condicionado por restrições de natureza linguística, dentre as quais se destaca o contexto fonológico subsequente ao ditongo (Paiva, 1986, 1996, 1999, 2004; Bisol, 1989, 1994; Gonçalves, 1997; dentre muitos outros). Em outras variedades do Português, contudo, o comportamento variável de /ei/ também é associado a condicionamentos extralinguísticos (Silveira, 2013; Passos, 2018).

Nas variedades do PB, destaca-se, dentre as variáveis linguísticas que atuam na redução de /ei/, a natureza do contexto seguinte ao ditongo: a presença da vibrante simples e das fricativas palatais no *onset* da sílaba seguinte ao ditongo é a restrição com maior força de atuação na redução (Bisol, 1994). Todavia, trabalhos como os de Cabreira (1996) e Paiva (2003) revelam que a presença da vibrante simples no ataque da sílaba seguinte a /ei/ se destaca, entre os contextos fonológicos subsequentes ao ditongo, como o segmento que de fato licencia a implementação da regra de monotongação.

Cabreira (1996, p. 111), sobre a redução de /ei/ diante do tepe em dados de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, afirma:

Em termos gerais, a frequência de monotongação de [ej] é maior do que a do ditongo [aj] (diante de palatal) e menor do que o ditongo [ow]. Entretanto, levando-se em conta apenas os casos em que o ditongo é seguido por flap, a frequência do monotongo sobe a 98%, e, na análise probabilística, o input atinge o valor 1,00. Isso pode ser tomado como um indício de que a monotongação de [ej] seguido por flap é uma mudança praticamente consumada.

Paiva (2003), ao comparar dados da fala popular da cidade do Rio de Janeiro a partir de estudos de tempo real de curta duração e do tipo tendência (em que alguns indi-

víduos gravados na década de 1980 foram recontactados 20 anos depois), observa índices altos de monotongação na fala carioca na amostra da virada do milênio (em torno de 70% de aplicação da regra de monotongação). Contudo, tanto o estudo painel quanto o estudo tendência apontam alterações nos contextos linguísticos para a implementação da monotongação: a redução se consolida diante da vibrante simples (b[ey]ra~b[e]ra), mas recua diante das fricativas palatais (b[ey]jo). A autora ainda constata que a tendência de mudança nos contextos estruturais de implementação de [e] não se relaciona, nos dados investigados, às características sociolinguísticas dos indivíduos.

Enquanto no PB há diversos estudos que investigam a implementação da regra de monotongação, situação oposta se verifica no que se refere a outras realidades do Português. Em relação às variedades africanas do Português, tem-se conhecimento de duas investigações que se concentram na descrição da regra variável de monotongação em variedades do Português faladas em São Tomé e Príncipe (Silveira, 2013; Passos, 2018)

Silveira (2013), em um estudo que descreve a regra de monotongação de ditongos orais decrescentes no português vernacular são-tomense, verifica índices elevados de monotongação de /ei/ nos dados da comunidade (em torno de 65% de realização de [e], em um universo de 815 tokens). As análises indicam, como condicionamentos atuantes para a implementação da variante monotongada, a presença de róticos, das fricativas pós-alveolares e das fricativas alveolares no contexto seguinte ao ditongo, a classe dos nomes, palavras dissilábicas, o nível básico de escolarização e informantes da faixa etária mais jovem.

Passos (2018), ao descrever a monotongação do /ei/ na norma urbana do Português de São Tomé, demonstra que na variedade há uma correlação entre variáveis linguísticas e sociais para a implementação de [e]. A autora destaca que há diferenças na implementação da variante monotongada em função da posição que o segmento ocupa no vocábulo: *em posição interna à palavra*, a monotongação é condicionada pela atuação das variáveis natureza do segmento subsequente – comportamento semelhante ao verificado no Português Brasileiro – e escolaridade; *na posição final do vocábulo*, a variável que concorre para a redução é a frequência de uso do crioulo Forro.

2. Sobre os ditongos em português e nas línguas de Moçambique

Camara Jr. (2019 [1970], p.71) entende que o ditongo ocorre “quando a vogal, em vez de ser o centro da sílaba, fica numa de duas margens, como as consoantes. O resultado

é uma vogal modificada por outra na mesma sílaba”, sendo os ditongos decrescentes os verdadeiros ditongos. Ao descrever a estrutura da sílaba em Português, o autor traz mais elementos para a reflexão sobre o estatuto fonológico do ditongo, defendendo a hipótese de que a sílaba que contém um ditongo decrescente se constitui como uma sílaba com o núcleo ramificado, composto por duas vogais. Na segunda posição do núcleo ramificado, o quadro vocálico se restringe à oposição entre as vogais altas anterior e posterior: *pai/pau; sei/seu*.

Bisol (1989) apresenta uma análise consistente sobre a fonologia dos ditongos em Português, revisitando a interpretação para essa estrutura complexa em outros trabalhos (1994, 1999, 2012). Apesar da reflexão, na íntegra, ser de vital importância para a compreensão da estrutura do ditongo, focaliza-se a distinção que a autora apresenta entre ditongos “verdadeiros” e ditongos “falsos”, uma vez que essa diferença se vincula diretamente à possibilidade de variação entre ditongos e vogais simples em um mesmo contexto.

Ditongos verdadeiros são aqueles que, fonologicamente, ocupam duas posições no núcleo silábico: a posição de núcleo da sílaba é ocupada por duas vogais, sendo a segunda uma vogal alta. Esses ditongos, como – por exemplo – em p[aw]ta e r[ey]no, tendem a ser preservados. Por outro lado, os ditongos falsos seriam constituídos, fonologicamente, por apenas uma vogal no núcleo, sendo a segunda vogal, quando ocorre, fruto de um processo de “espraiamento” do nó vocálico da consoante subsequente ao ditongo. Esse espraiamento é variável (p[ey]xe~p[e]xe; b[ey]jo~b[e]jo).

Com base nas reflexões de Bisol, fica nítida a importância do controle do contexto fonético subsequente ao ditongo para a descrição dos processos de variação que afetam essa estrutura. No que se refere ao ditongo /ei/, especificamente, Bisol (1989) destaca o papel das consoantes fricativas palatais no ataque da sílaba seguinte na definição do ditongo falso. Diante de [Σ, Z], “o glide é consequência da [consoante] palatal” na sílaba seguinte, não figurando na estrutura profunda. A presença de um tepe na sílaba seguinte também se configura como um contexto de variação (b[ey]ra~b[e]ra).

No que concerne às línguas autóctones de Moçambique, não há uma descrição robusta sobre aspectos fonológicos das línguas bantu que convivem com o Português no território moçambicano. Das aproximadamente 20 línguas bantu registradas, encontram-se observações sobre o sistema fonológico do Changana (ou Xichangana), uma das diversas línguas locais faladas em Maputo, local de recolha dos inquéritos (Cf. Siteo, 2011;

Ngunga, Simbine, 2012; Ribeiro, 2016). Tem-se conhecimento também de um manual de padronização ortográfica das línguas de Moçambique (Ngunga; Faquir, 2012), em que constam breves considerações sobre aspectos fonético-fonológicos de 17 das 20 línguas bantu faladas no país.

O Changana apresenta as mesmas semivogais verificadas em Português ([y] e [w]), estruturas que emergem no quadro amplo de processos que atuam na resolução de hiatos. (Ngunga; Simbine, 2012). De acordo com Ngunga; Simbine (2012, p. 44-45):

Esta língua não é favorável à combinação de vogais. Por isso, sempre que a morfologia ou a sintaxe criam condições para que duas vogais ocorram uma a seguir a outra, forma-se o que se chama *hiato*. Sendo este um fenómeno não tolerado pela Fonologia da língua, esta encontra sempre formas de desfazer, para ficar com apenas uma vogal. Para isso, a língua recorre a variados mecanismos, de acordo com a qualidade e a sequência das vogais envolvidas. [...]
[...] para se conseguir ter uma única vogal de uma sequência de duas, a língua recorre a estratégias como fusão das duas para formar uma terceira, eliminação (*elisão*) de uma delas, a semivocalização (*transformação de uma delas em semivogal*). Estas estratégias são chamadas regras de resolução de hiatos ou, simplesmente, regras que impedem a ocorrência de sequência de vogais. Assim, as vogais altas **i** e **u** tornam-se semi-vocalizadas antes de vogais. [grifos nossos]

É possível afirmar, com base nas reflexões acima, que o Changana é uma língua que evita a formação de núcleos silábicos complexos. A semivocalização das vogais altas é apenas uma das estratégias possíveis para resolver a formação dessas estruturas silábicas. E, assumindo que essa possa ser uma tendência das línguas da família bantu, pode-se formular a hipótese de que os falantes que adquiriram o Português como L2 ou que tenham o Português como L1 e que sejam falantes de uma ou mais línguas bantu como L2 sejam os responsáveis por liderar o processo de implementação da variante monotongada [e] na norma urbana de Moçambique.

3. O Português em Moçambique: aspectos sócio-históricos e linguísticos

A República de Moçambique é um país litorâneo localizado no sudeste da África. Divide-se em onze províncias (Cabo Delgado, Gaza, Inhambane, Manica, Maputo, cidade de Maputo, Nampula, Niassa, Sofala, Tete e Zambézia) que se estendem por 801.537km², conforme ilustra a Figura 1 a seguir.

Figura 1 – Divisão geográfico-administrativa de Moçambique



Fonte: <https://pt.maps-mozambique.com/mo%C3%A7ambique-rio-mapa>

O mapeamento realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (Ine, 2017) mostra que a população aproximada de Maputo, capital de Moçambique e local de recolha dos inquéritos investigados neste trabalho, é de 28 milhões de habitantes. A capital também

é a cidade mais populosa do país e é considerada uma área urbana, na qual o Português é a principal língua de interação. No censo de 2017, 49% da população de Maputo se identifica como falante de Português como língua materna. Entre as crianças de 05 a 09 anos moradoras da capital, o índice de falantes de Português como L1 alcança 64% da população dessa faixa etária, o que sugere um possível aumento do número de falantes nativos do Português na área urbana nas próximas gerações da população da capital.

Esse panorama não é uniforme nas demais províncias do país, uma vez que a disseminação do Português nas zonas mais rurais é fragmentada. Nessas áreas, as línguas da família bantu ainda constituem as línguas maternas das populações locais. De acordo com Pissurno (2018, p. 82), “a população da zona rural continua tendo o Português praticamente como uma língua estrangeira, de acesso restrito ao meio escolar”. As razões para a diferença entre a capital e as demais provinciais do país estão no processo histórico de formação de Moçambique.

Moçambique entra na “rota” colonial do império português em 1498, ano da chegada de Vasco da Gama à costa do país. Apesar de a colonização portuguesa ser intensa na costa oeste do continente africano e na Ásia, os colonizadores à época não demonstraram grande interesse em ocupar o território, inserindo-o na máquina colonial como um entreposto comercial, fonte de ouro, marfim e pessoas escravizadas (Chimbutane, 2018). Com efeito, o contato entre o Português e as línguas locais foi bastante rarefeito nos momentos iniciais da colonização.

Assim permaneceu a relação entre Portugal e Moçambique nos primeiros dois séculos após a chegada dos portugueses, sendo a administração da colônia mediada a partir da Índia, sem contato direto com a metrópole. Moçambique, portanto, ocupava uma “posição marginal” (Gonçalves, 2001, p. 977), principalmente em comparação às outras colônias portuguesas. Esse panorama só começa a mudar no final do século XIX, quando as fronteiras são demarcadas e Maputo (Lourenço Marques, à época) é escolhida como capital. O processo de efetiva ocupação não foi pacífico e nem repentino, mas sim marcado por campanhas militares e conflitos entre portugueses e resistências locais.

A consolidação do processo de colonização, com imigração de colonos, e consequente fomento à educação, se dá a partir de 1918, quando se concluem as campanhas militares para ocupação efetiva do país, época em que Portugal considerou o território, por fim, dominado. O número de imigrantes portugueses ainda era bastante baixo, mas Firmino (2010, p. 6) destaca que a presença desses colonos acabou causando uma “competição desleal no trabalho” e que os moçambicanos tinham de provar uma qualificação que esbarrava justamente no conhecimento do Português.

Desse modo, o Português assume cada vez mais o estatuto de mobilizador social, função que ganha relevo principalmente quando a língua é incorporada às chamadas “Escolas Indígenas”, criadas para disseminar o Português para a população local. Além disso, na mesma época, as línguas locais passaram a ser proibidas no ambiente escolar, um movimento com um viés ideológico colonizador que procurou minar as línguas autóctones, reduzindo-as ao convívio familiar.

A resistência pela independência começa a se consolidar a partir de 1962, com a fundação da Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO. Para mobilizar o maior número de cidadãos, os movimentos pela independência acabaram por optar pelo Português como a língua franca que os uniria em oposição ao colonizador. Curiosamente, o Português foi alçado à língua de mobilização nacional, uma escolha à primeira vista contraditória, mas que se justifica – na medida em que a opção por uma das línguas locais para a representação do ideal de nacionalidade poderia colocar uma região/povo em relação de proeminência aos demais, o que dificultaria o processo de união em prol da independência (Firmino, 2010, p. 9).

A independência se consolida em 1975, após mais de uma década de luta armada, e o Português é reconhecido como língua oficial de Moçambique. Cimenta-se um discurso ideológico/institucional na medida em que se assume, mesmo após a independência, que o Português “quebrava as barreiras das línguas maternas” (Firmino, 2010, p.10). Como efeito, expandem-se as políticas linguísticas que reforçavam o uso do Português por meio de propagandas e discursos do governo, e, principalmente, através de campanhas de educação em massa.

Em um movimento contrário à visão hegemônica do Português, a Constituição de 1990 define que “o Estado devia promover o desenvolvimento das línguas africanas na vida pública, inclusive na educação.” (Chimbutane, 2018, p. 101). Esse movimento passou a legitimar a educação bilíngue e a reforçar o contato entre as línguas, permitindo, cada vez mais, que a variedade moçambicana do Português seja modelada pela interação entre o Português e as línguas autóctones.

Mesmo com todas as evidências históricas e sociolinguísticas, ainda não é possível afirmar categoricamente que estamos diante de um “Português Moçambicano”. Firmino (2010, p. 22) destaca que

o português em Moçambique pode ser visto como um *continuum* que oscila desde as formas do mau português (pejorativamente chamado pretuguês) até às formas mais próximas do português europeu, cujo modelo europeu ainda é considerado como o padrão e, teoricamente, continua a ser difundido nas escolas.

Gonçalves (2021,) vai além, ao destacar que “é prematuro, com base nas produções dos falantes, observar se os dados efetivamente refletem a emergência de uma variedade moçambicana.”, apesar de já ser possível identificar alguns traços característicos da variedade – principalmente no que se refere a incorporações e adaptações de itens lexicais, a modificações sintáticas e à configuração fonológica –, estando o Português em Moçambique no estágio de “uma variedade típica de um contexto de língua europeia como L2”.

4. Pressupostos teóricos

Neste trabalho, que se debruça sobre o processo de monotongação de /ei/ na norma urbana do Português em Moçambique, toma-se por base os pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, propostos no trabalho seminal de Weinreich, Labov, Herzog (1968), e refinados posteriormente nos trabalhos de Labov a partir da década de 1970; além de princípios teóricos vinculados à Fonologia Autossegmental (Clements, 1985; Matzenauer Hernandorena, 2001), à Teoria Métrica da Sílabas (Selkirk, 1982; Collischon, 2001; Nespor, Vogel, 2007) e também a princípios associados a teorias sobre o contato entre línguas (Weinreich, 1953; Thomason, Kaufman, 1988; Winford, 2003; Lucchesi, Baxter, 2009; entre tantos outros).

No que concerne à contribuição da Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Variacionista, entende-se que todos os sistemas linguísticos são caracterizados por uma heterogeneidade inerente, ordenada e sistemática. Uma das contribuições fundamentais do modelo variacionista foi o desenvolvimento de métodos rigorosos para a análise da diversidade linguística, métodos que possibilitaram a identificação de fenômenos variáveis, a apreensão dos padrões de variação em uma comunidade de fala e a relação direta entre os padrões variáveis e parâmetros sociais que caracterizam as comunidades linguísticas.

Como hipóteses de investigação, parte-se do princípio de que os condicionamentos linguísticos e sociais atuam na redução de /ei/ nos dados analisados. Do ponto de vista estrutural, assume-se que restrições relativas à natureza do contexto subsequente ao ditongo, à tonicidade da sílaba em que figura o ditongo, à dimensão do vocábulo e à classe morfológica do item atuam na implementação da variante [e] na norma de Maputo. No âmbito das variáveis sociais, espera-se que variáveis que controlam o efeito do contato entre línguas (o estatuto do português como língua materna ou segunda língua e o grau de trânsito pelas línguas locais) sejam decisivas para a aplicação da regra de monotongação nos dados investigados.

A Teoria Autossegmental oferece aporte teórico a esta investigação por entender que os segmentos fonológicos se constituem como uma estrutura complexa, composta por traços, que se organizam de forma hierárquica. Na implementação de regras fonológicas, esses traços podem atuar isoladamente ou em conjunto com outros traços que constituem o segmento. Dada a relação hierárquica entre os traços que compõem um segmento, uma regra fonológica pode afetar um traço específico, o que está na base do princípio de “espraiamento de traços”, apresentado na literatura sobre os ditongos em português como justificativa para a variação entre [ey] e [e] diante das fricativas palatais e do tepe. Conforme Bisol (1989), nesse contexto, temos um ditongo “falso” porque, em verdade, a semivogal que pode se manifestar nesses ditongos é resultado do espraiamento do traço [vocalico] da consoante palatal no ataque da sílaba imediatamente seguinte a [e].

A Teoria Métrica também é um modelo teórico acionado nesta investigação por reconhecer, de acordo com a proposta de Selkirk (1982), que a sílaba, unidade em que incidem regras fonológicas, é constituída através de uma estrutura hierárquica, composta por um ataque (A) e uma rima (R), sendo esta constituída por um núcleo (N) e uma coda (C). Em Português, a posição de núcleo sempre é preenchida por um segmento vocálico. As posições de ataque e coda são de preenchimento facultativo por um segmento consonantal. Nesta investigação, a consciência da estrutura hierárquica da sílaba é de fundamental importância para a compreensão do processo de espraiamento de traços que condiciona a realização variável de /ei/ quando, no ataque da sílaba seguinte ao ditongo, figuram o tepe e as fricativas palatais.

No âmbito das teorias que se debruçam sobre o contato linguístico, cumpre salientar que o campo de estudos referente às línguas em contato pode ser considerado um ramo novo dentro da Linguística e que vem despertando cada vez mais o interesse em pesquisadores da área (Santiago; Agostinho, 2020, p. 41).

Weinreich (1953) define contato linguístico como o uso, de forma alternada, de duas ou mais línguas pela mesma pessoa. O resultado do contato entre línguas é denominado pelo autor como fenômeno de interferência, dados “aqueles casos de desvio das normas de qualquer língua que ocorrem no discurso de bilíngues como um resultado de sua familiaridade com mais de uma língua” (Weinreich, 1953, p. 01). No que diz respeito ao estudo sobre contato linguístico e contato cultural, esse autor ressalta a necessidade de se atentar para aspectos relativos à interação entre fatores estruturais e não-estruturais na modelagem das gramáticas em interação, já que tais fatores podem contribuir ou impedir o fenômeno de interferência.

Um outro modelo acionado para analisar contextos de contato entre línguas é o da transmissão linguística irregular, descrito em Lucchesi; Baxter (2009). A transmissão linguística irregular tem suas origens nos processos históricos oriundos do contato entre povos falantes de línguas distintas, no período entre os séculos Xvi e Xix, em virtude da colonização europeia na África, na Ásia, na América e na Oceania. Segundo os autores, durante a ação do colonialismo europeu, a língua do grupo dominante era imposta aos falantes de outras línguas (em sua maioria falantes adultos), o que, conseqüentemente, levava a uma aprendizagem precária da língua imposta. Lucchesi; Baxter (2009) destacam que a sujeição e a marginalização desses diferentes povos ocorriam de forma distinta em cada contexto histórico. De acordo com esses autores:

as variedades de segunda língua que se formam nessas condições, mais ou menos defectivas consoante [à]s especificidades de cada contexto histórico, acabam por fornecer os modelos para aquisição da língua materna para as novas gerações de falantes, na medida em que os grupos dominados vão abandonando as suas línguas. (Lucchesi; Baxter, 2009, p. 101).

O processo de nativização da língua dominante é concretizado de forma irregular, em função dos condicionamentos sócio-históricos envolvidos. O *input* advém de versões de segunda língua que são desenvolvidas por falantes de outras línguas e que, no processo de aprendizagem da língua do colonizador, apresenta lacunas em aspectos estruturais. Em outros termos, o modelo de língua fornecido às crianças para o desenvolvimento de sua língua materna é oriundo de uma língua formada a partir de um processo de aprendizagem precário passado por adultos em situações de opressão e dominação. Desse modo, conforme apontam Lucchesi; Baxter (2009), o processo de transmissão linguística irregular ora pode contribuir para a formação de uma língua crioula, ora pode dar origem a “uma nova variedade histórica da língua de superstrato, que não deixa de apresentar processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas” (Lucchesi; Baxter, 2009, p. 101).

5. Metodologia

No que se refere à metodologia para análise dos dados, foram levantados 1159 *tokens* em posição interna ao vocábulo². Os dados foram extraídos das 18 entrevistas que

² A análise inicial contemplou o levantamento de ocorrências em posição interna e externa ao vocábulo. Contudo, neste trabalho focalizam-se os resultados apenas para a implementação da regra de monotongação de /ei/ no contexto interno.

compõem a amostra principal do *corpus* Moçambique-PORt (Vieira; Pissurno, 2016), vinculado ao *Corporaport* (**Variiedades do Português em análise**); e analisados com o auxílio do software Goldvarb X. Foram postuladas 11 variáveis, conforme mostra o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Variáveis investigadas

Condicionamentos linguísticos	Condicionamentos sociais
Contexto precedente ao ditongo Contexto subsequente ao ditongo Localização do ditongo na estrutura morfológica Dimensão do vocábulo Classe morfológica Tonicidade da sílaba	Faixa etária Escolaridade Sexo Estatuto do português Relação entre o Português e as línguas locais

Fonte: a autora

Na seção a seguir, apresentam-se os índices gerais de aplicação da regra de monotonização, a distribuição percentual das variantes fonéticas que concretizam o ditongo /ei/ e discutem-se os resultados das variáveis relevantes para a implementação de [e] na variedade urbana do Português em Moçambique.

6. Resultados

Na Tabela 1, a seguir, apresenta-se a distribuição das variantes fonéticas que concretizam o ditongo /ei/ na fala urbana em Moçambique.

Tabela 1 – Distribuição das variantes

Variante	Exemplo	Apl/T
[e]	dinheiro - [di'neru]	280/1159 = 24,2%
[ey]	primeiro - [pri'meyru]	463/1159 = 39,9%
[Əy]	Beira - ['bəyɾə]	238/1159 = 20,5%
[ɛ]	carteira - [kar'terə]	65/1159 = 6,0%
[ə]	brasileira- [brazi'lərə]	99/1159 = 8,5%
[i]	reitor - [ri'tor]	6/1159 = 0,5%
[ɛy]	respeito - [reyj'pɛytu]	4/1159 = 0,3%

Fonte: a autora

A primeira questão que se destaca na Tabela 1 é a diversidade de expressões fonéticas que concretizam o ditongo /ei/ em posição interna ao vocábulo na norma de Maputo. São sete realizações fonéticas distintas, que variam entre as variantes ditongadas prototípicas de normas luso-brasileiras ([ey, əy]), a variante monotongada mais frequente ([e]) e variantes em certa medida inovadoras, tanto monotongadas ([ɛ, ə, i]) quanto ditongada ([ɛy]) – ainda que a produtividade dessas formas seja incipiente frente às variantes [e, ey, əy], que totalizam 84,6% dos dados.

Outro ponto a ser destacado a partir dos resultados apresentados na Tabela 1 é a produtividade das variantes ditongadas, [ei, əy], frente a [e]. Os índices de realização de [e] são expressivos, 24,2%, mas a regra não é generalizada. A forma monotongada é menos produtiva do que a soma das duas variantes ditongadas mais produtivas – [ey, əy] – que correspondem a 60,4% das ocorrências, o que pode ser um indício de que a implementação da variante monotongada ainda é um processo incipiente na comunidade.

A seguir, no Quadro 2, apresentam-se os condicionamentos indicados como estatisticamente relevantes para a implementação de [e] na norma urbana de Moçambique.

Quadro 2 – Variáveis estatisticamente relevantes para a implementação de [e] em posição interna ao vocábulo ([e] x [ey, əy])

Variáveis selecionadas			
Relação entre o Português e línguas locais			
Contexto precedente ao ditongo			
Contexto subsequente ao ditongo			
Sexo			
Faixa etária			
Estatuto do Português			
Apl/ Total	Input inicial	Input da me- lhor rodada	Significância da melhor rodada
280/981 = 28,5%	.285	.190	.000

Fonte: a autora

Destaca-se, no Quadro 2, o grau de interação entre os condicionamentos linguísticos e sociais: das seis variáveis relevantes, apenas duas – *contexto precedente* e *contexto subsequente* – são restrições de natureza estrutural. As quatro demais variáveis são de cunho social, sendo que duas mapeiam o estatuto de aquisição do Português (*estatuto do Português*) e o trânsito do falante entre o Português e as línguas autóctones (*relação entre o Português e línguas locais*).

O predomínio de restrições sociais revela o caráter essencialmente sociolinguístico do processo variável em foco, tendência que não é verificada na mesma medida em várias análises já conhecidas sobre a monotongação de /ei/ em normas do Português Brasileiro. Também vale o destaque para o *input* relativamente baixo de aplicação da regra de monotongação (. 190), o que pode ser tomado como indício de que o processo ainda está em fase de implementação na norma urbana de Moçambique.

Prossegue-se então com a descrição dos resultados para cada uma das variáveis selecionadas, de acordo com a hierarquia indicada pelo programa GOLDVARB-X.

Na Tabela 2, a seguir, indicam-se os índices percentuais e os pesos relativos para a variável *relação entre o português e as línguas locais*, condicionamento que visa observar em que medida o trânsito do falante entre o português e as línguas autóctones influencia na dinâmica da variação.

Tabela 2 – Efeito da variável relação entre o português e as línguas locais

Relação	Apl/T	Pr
O informante utiliza apenas o Português	29/220 = 13,2%	.273
O informante utiliza tanto o Português como as línguas locais	110/540 = 20,4%	.538
O informante utiliza mais as línguas locais do que o Português	141/221 = 63,8%	.647

Fonte: a autora

Os resultados expressos na Tabela 2 atestam a hipótese inicial de que há uma correlação entre a implementação da variante [e] e o trânsito dos falantes pelas línguas locais: quanto maior a interação do falante nas línguas autóctones, maiores são as probabilidades para a implementação da monotongação. Os dados tendem a corroborar os conhecimentos fragmentários de que se dispõem sobre a formação de sílabas com núcleo complexo nas línguas bantu de Moçambique, conforme apresentado na Seção 2. Pelo menos no Changana, língua local sobre a qual há uma descrição mais robusta sobre aspectos fonéticos e fonológicos, há uma tendência a se evitar a formação de hiatos, e a inserção de [y] e [w] em uma estrutura formada pelo choque entre duas vogais é apenas um dos processos possíveis para a dissolução do choque vocálico, sendo a fusão e a elisão de uma das vogais os processos mais comuns nesses contextos.

A Tabela 3, a seguir, apresenta os índices percentuais e os pesos relativos para o efeito do *contexto precedente ao ditongo* para a implementação da variante [e].

Tabela 3 – Efeito da variável contexto precedente ao ditongo

Contexto	Exemplo	Apl/T	Pr
[ɲ]	dinheiro - [di'neru]	82/101 = 81,2%	.891
[d]	deixo - ['deʃo]	44/129 = 34,1%	.586
[s]	terceira - [ter'serɐ]	32/146 = 21,9%	.576
[t]	solteiro - [sow'teru]	13/34 = 38,2%	.526
[m]	primeira - [pri'merɐ]	40/101 = 28,4%	.513
Outros	brasileiro - [brazi'leruʃ]	32/430 = 16%	.326

Fonte: a autora

Os índices expressos na Tabela 3 não são tão confiáveis, já que os dados estão distribuídos de forma irregular pelos contextos e há inversões entre índices percentuais e pesos relativos em algumas variantes. Destaca-se que a presença da nasal palatal no *onset* da sílaba com núcleo ramificado é o contexto que mais favorece a implementação de [e], com .891. A presença da oclusiva alveolar sonora [d], da fricativa alveolar surda [s], da oclusiva alveolar surda [t] e da nasal bilabial [m] também se mostra como contextos de favorecimento à monotongação. Entretanto, os pesos relativos para essas variantes estão muito próximos do ponto neutro (.500), o que permite inferir que esses segmentos atuam de forma menos incisiva na aplicação da regra. Os demais contextos considerados não se mostraram relevantes.

No que se refere ao efeito do *contexto subsequente ao ditongo*, os resultados expressos na Tabela 4, a seguir, revelam tendências muito próximas às verificadas nas normas do Português Brasileiro.

Tabela 4 – Efeito da variável contexto subsequente ao ditongo

Contexto	Exemplo	Apl/T	Pr
[ʒ]	beijo - ['beʒu]	6/12 = 50%	.716
Róticos	primeira - [pri'merɐ]	199/455 = 43,7%	.695
[ʃ]	deixo - ['deʃo]	27/96 = 28,1%	.525
Ataques vazios	aldeias - [al'deʃ]	15/123 = 12,2%	.306
Outros	seitas - ['setɐʃ]	33/293 = 11,3%	.267

Fonte: a autora

Os resultados apresentados na Tabela 4 apontam que os mesmos contextos que favorecem a implementação da variante [e] no Português Brasileiro atuam na regra variável

na norma urbana de Moçambique. Contudo, é possível observar diferenças qualitativas entre as duas variedades no que se refere à hierarquia dos contextos subsequentes a /ei/ favorecedores à monotongação: a fricativa alveolar sonora se destaca nos dados como o contexto mais relevante (.716), seguido dos róticos (.695).

A fricativa alveolar surda também é um contexto que favorece a implementação de [e], mas o valor do peso relativo (.525) – próximo ao ponto neutro – indica que esse segmento tem uma força menor do que os demais apontados na literatura sobre a monotongação de /ei/ em Português. Vale uma ressalva, entretanto: os dados não estão distribuídos de forma regular pelos contextos considerados, o que não permite uma generalização consistente sobre o papel do *contexto subsequente ao ditongo* na implementação de [e], ainda que os resultados se articulem a tendências já atestadas em outras variedades do Português.

O efeito da variável *sexo*, expresso na Tabela 5, pode sugerir indícios sobre a avaliação social da variante [e] na comunidade urbana de Moçambique.

Tabela 5 – Efeito da variável sexo do informante

Sexo	Apl/T	Pr
Masculino	138/361 = 38,2%	.687
Feminino	142/620 = 22,9%	.388

Fonte: a autora

Os índices percentuais e os pesos relativos para os informantes do sexo masculino indicam que os homens tendem a implementar a variante [e], com .687 de peso relativo, enquanto as mulheres a desfavorecem (.388). Esses resultados, tomados isoladamente, não são suficientes para que se obtenha um panorama da avaliação das variantes. E, como ressalta Freitag (2015), uma compreensão mais ampla do papel da variável gênero/sexo depende de uma abordagem de caráter interdisciplinar, a partir de fundamentos etnográficos/sociodemográficos consistentes. No *corpus* analisado, a questão do gênero/sexo é mapeada na dimensão biológica, o que limita o alcance da análise.

Os resultados relativos à atuação da *faixa etária* do informante tendem a corroborar o grau de inovação da variante [e] na variedade urbana do Português em Moçambique. Os dados estão expressos a seguir, na Tabela 6.

Tabela 6 – Efeito da variável faixa etária do informante

Faixa	Apl/T	Pr
18 a 35 anos	113/276 = 40,9%	.728
36 a 55 anos	74/331 = 22,4%	.365
Mais de 56 anos	93/374 = 24,9%	.441

Fonte: a autora

Os resultados apresentados na Tabela 6 atestam que são os falantes mais jovens, com idades entre 18 e 35 anos, que mais favorecem a variante [e], estando os indivíduos adultos e os mais velhos na retaguarda do processo, desfavorecendo o processo de monotongação. A análise no tempo aparente revela diferença de comportamento entre os falantes jovens e os demais indivíduos, e é mais uma evidência que sugere o caráter inovador de [e] na comunidade.

Na Tabela 7 expõe-se a distribuição percentual e o peso relativo para a última variável indicada como relevante pelo programa de análises estatísticas para a monotongação de /ei/ na variedade urbana em Moçambique. A seguir, os resultados para o *estatuto do Português*.

Tabela 7 – Efeito da variável estatuto do Português

Estatuto do Português	Apl/T	Pr
Português como L1	112/679 = 16,9%	.404
Português como L2	168/302 = 55,6%	.706

Fonte: a autora

Os resultados apresentados na Tabela 7 tendem a corroborar as tendências verificadas na Tabela 2, em que se discutem os índices relativos à variável *relação entre o Português e as línguas locais*. Os falantes bilíngues que têm o Português como segunda língua são os responsáveis pela implementação de [e] na comunidade de fala moçambicana representada pelos dados aqui analisados. A diferença entre os falantes de Português como L1 e os falantes de Português como L2 é significativa, tanto em termos percentuais como em pesos relativos.

Apesar de não dispormos de um quadro descritivo consistente sobre todas as línguas bantu faladas em Moçambique, é possível que as demais línguas de Moçambique sigam as mesmas tendências verificadas no Changana, em direção à simplificação de nú-

cleos silábicos complexos. Essa tendência provavelmente atua na aprendizagem de uma configuração silábica que não encontra correspondência na L1 que esses falantes bilíngues fixaram no processo de aquisição, o que pode justificar os índices robustos de aplicação da regra de monotongação de /ei/ na fala desses indivíduos.

Considerações finais

Este trabalho tinha por propósito descrever o processo de monotongação do ditongo /ei/ em uma variedade do Português ainda em processo de formação, a norma urbana falada em Maputo, capital de Moçambique. Uma das motivações que direcionou a análise foi o interesse em investigar, nas variedades africanas do Português, processos variáveis fartamente descritos em variedades do Português do Brasil e do Português Europeu – em busca de convergências e divergências entre as normas. Outra razão que impulsionou a pesquisa foi o interesse em observar em que medida o processo de formação das variedades africanas influencia na dinâmica desses fenômenos variáveis, uma vez que se parte do princípio de que essas variedades são moldadas em um processo contínuo de contato entre a língua da colonização e as línguas autóctones.

Tendo em vista as motivações elencadas acima, foi possível observar que, nos dados relativos à variedade urbana do Português em Moçambique:

- i. em posição medial, confirma-se em termos a tendência verificada em outras variedades do Português no que se refere à atuação do segmento subsequente ao ditongo na implementação de [e]: [ʒ], róticos e [ʃ] são as consoantes no *onset* da sílaba seguinte que mais favorecem a monotongação de /ei/;
- ii. as variáveis sociais são significativamente relevantes para a implementação da variante monotongada. Concorrem para o processo as variáveis *relação entre o português e as línguas locais, sexo, faixa etária e estatuto do Português*;
- iii. no que se refere à atuação das variáveis que controlam a interação entre o Português e as línguas locais, os resultados estatísticos apontam que os informantes que se reconhecem como falantes mais frequentes de línguas locais do que do Português são indivíduos que implementam a variante [e] na norma urbana de Moçambique. De certa maneira, tal comportamento pode se vincular a uma tendência das línguas bantu de Moçambique de evitarem núcleos silábicos complexos;
- iv. a implementação da variante [e] na fala dos informantes do sexo masculino poderia ser indício de que a monotongação é um processo estigmatizado social-

mente. Os limites da amostra, todavia, restringem o alcance das generalizações acerca do papel da variável *sexo*;

- v. destaca-se o papel dos informantes mais jovens na implementação da variante monotongada: os informantes com idades entre 18 e 35 anos são os que favorecem a monotongação, havendo um decréscimo considerável de favorecimento à monotongação nos falantes adultos e uma retomada tímida (mas que não leva ao favorecimento de [e]) nos dados dos falantes mais velhos).

Os resultados apresentados neste artigo apresentam subsídios para a descrição de um processo variável fonético-fonológico produtivo em Português e para um maior conhecimento das variedades do Português faladas em África. A análise aqui realizada oferece contributos para a compreensão de um fenómeno variável moldado por questões diretamente vinculadas, na comunidade investigada, a processos de contato entre a língua do colonizador e as dezenas de línguas locais de Moçambique.

A investigação não se esgota no que foi apresentado neste trabalho. Tem-se a consciência de que as limitações decorrentes da distribuição irregular dos dados e do parco conhecimento de propriedades fonéticas e fonológicas de grande parte das línguas autóctones de Moçambique restringem o alcance das generalizações. Sabe-se também que outras frentes de investigação devem ser contempladas na análise dos dados para uma melhor localização do fenómeno variável em um *continuum* de variação entre as normas do Português.

Referências

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A*, v.5, n.2, p. 185-224, 1989.

BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A*, v.10, n. especial, p. 123-140, 1994.

CABREIRA, S. H. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica, 1996.

CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2019 [1970].

CHIMBUTANE, F. Línguas bantu ou línguas bantas? *Tempo*, n. 1083. 14 de jul de 1991. p.40-42, 1991.

CHIMBUTANE, F. *Rethinking Bilingual Education in Postcolonial Contexts*. Bristol/Buffalo/Toronto: Multilingual Matters, 2011.

CHIMBUTANE, F. Portuguese and African languages in Mozambique: a sociolinguistic approach. In: ÁLVARES LOPEZ, Laura; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito (Ed.). *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 89-110.

CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*. v 2, issue 1, p.225-252, 1985. <https://doi.org/10.1017/S0952675700000440>

COLLISCHONN, G.A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, pp. 99-131.

FIRMINO, G. 2010. *A Situação do Português no Contexto Multilíngue de Moçambique*. Disponível em: <http://www.flch.usp.br/dlcv/lpot/pdf/mes/06.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo gênero/sexo na Sociolinguística Brasileira. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org.). *Mulheres, linguagem e poder – estudos de gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74. <http://dx.doi.org/10.5151/9788580391213-0001>.

GONÇALVES, C. A. Ditongos decrescentes: variação & ensino. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.6, n.5, p. 159-192, jan/jul 1997. <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.5.1.159-192>

GONÇALVES, P. Panorama geral do português de Moçambique. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire - Langues et littératures modernes - Moderne taal- en letterkunde*, tome 79, fasc.3, p. 977-990, 2001. <https://doi.org/10.3406/rbph.2001.4557>.

GONÇALVES, P. O português em África. In: RAPOSO, E. B. P. et al. *Gramática do Português*. Vol. I. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013. p.157-178.

GONÇALVES, P. *Opções metodológicas na pesquisa sobre o português em Moçambique*. Comunicação apresentada no I Colóquio Internacional VariaR – Variação fonológica e sintática nas línguas românicas. 20 mar 2021. Disponível em <https://variar.wixsite.com/variar>. Acesso em 31 maio 2021.

INE. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento Geral da População e Habitação (CENSO)*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2017. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/iv-censo-2017>. Acesso em: 17 set. 2021.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: BAXTER, A.; LUCCHESI, D.; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.

MATZENAUER HERNANDORENA, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução aos estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 11-89.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

NGUNGA, A. Interferências de Línguas Moçambicanas em Português falado em Moçambique. *Rev. Cient. UEM, Ser: Letras e Ciências Sociais*, v. 1, p. 7-20, 2012.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. G. *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos/Universidade Eduardo Mondlane, 2012.

NGUNGA, A.; SIMBINE, M. C. *Gramática descritiva da língua Changana*. Maputo: Centro de Estudos Africanos/Universidade Eduardo Mondlane, 2012.

PAIVA, M. C. Nova abordagem de velhos fenômenos. *Boletim da Abralín* 15, p. 262-267, 1994.

PAIVA, M. C. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real. In: PAIVA, M. C. O; DUARTE, M.E.L. (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, p. 31-46.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M.L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. pp. 33-42.

PASSOS, R.R. O ditongo /ei/ na fala de São Tomé. In: BRANDÃO, S.F. (Org.). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 177-200.

PISSURNO, K. C. *S.A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português: uma abordagem sociolinguística*. 2017. 213 fls. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2017.

PISSURNO, K. C. S. O perfil multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, S.F. (Org.). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 75-91.

RIBEIRO, P. A. *Dicionário gramatical Changana*. Maputo: Edições Paulinas, 2016.

SANTIAGO, A.M.; AGOSTINHO, A.L. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *A cor das Letras*. Feira de Santana, vol. 21, n. 1, p. 39-61, 2020. <https://doi.org/10.13102/cl.v21i1.4970>

SELKIRK, E.O. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (eds). *The structure of phonological representation*. (Part. II). Foris: Dordrecht, 1982. p. 337-383.

SILVEIRA, A. C. *Ditongos no Português de São Tomé e Príncipe*. 2013. 180 fls. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

SITOE, B. *Dicionário Changana-Português*. Maputo: Texto Editores, 2011.

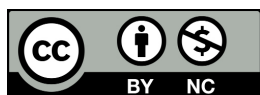
THOMASON, S.G.; KAUFMAN, T. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

VIEIRA, S. R.; PISSURNO, K. C. S. (Org.). *Corpus Moçambique-PORT*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Disponível em: www.corporaport.letas.ufrj.br. Acesso em 23 dez 2021.

WEIREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. New York: Mouton, 1953.

WEIREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

WINFORD, D. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.



Data de submissão: 22/12/2022

Data de aceite: 23/02/2023